

Comitê Olímpico Brasileiro

2013

um degrau rumo a 2016



2013: primeiro ano do ciclo olímpico 2013-2016

O primeiro ano de um ciclo olímpico tende a ser de muito trabalho nos bastidores e de resultados muitas vezes embrionários, típicos de um projeto que tem como objetivo final o máximo desempenho nos Jogos Olímpicos, anos mais tarde. Mas os frutos colhidos em 2013 demonstram uma prova da força do Time Brasil logo neste início de ciclo e reforçam ainda mais a confiança em uma boa atuação de nossos atletas nos Jogos do Rio de Janeiro, em 2016.

Ao todo, o Brasil conquistou 27 medalhas em campeonatos mundiais ou competições similares, número recorde em um só ano, o que deixaria o país em oitavo lugar em um hipotético quadro de total de medalhas. A posição alcançada pelo Brasil indica que o Planejamento Estratégico do Comitê Olímpico Brasileiro — lançado em 2011 com o objetivo de inserir o país entre as dez maiores potências olímpicas — começa a sair do papel, e vem ganhando espaço nas quadras, pistas, campos, raias e tatames.

As 27 medalhas em mundiais conquistadas pelo Time Brasil em 2013 foram nas seguintes modalidades olímpicas: Boxe (2), Canoagem (1), Ginástica artística (1), Handebol (1), Hipismo (1), Judô (6), Maratona aquática (2), Natação (4), Pentatlo Moderno (1), Tae kwon do (1), Vela (3), Vôlei (2) e Vôlei de praia (2). Destaque especial para as medalhas de ouro do handebol feminino, feito inédito na modalidade; de Rafaela Silva, a primeira do judô feminino em campeonatos mundiais; de Arthur Zanetti, da ginástica artística, que se tornou campeão olímpico e mundial; de Jorge Zarif, na vela, campeão mundial Junior e Open no mesmo ano; de Robert Scheidt, também na vela; de Poliana Okimoto, na maratona aquática; e da seleção feminina de vôlei, vencedora do Grand Prix. Vale ressaltar, ainda, que as 27 medalhas foram conquistadas por atletas de 13 modalidades diferentes, outro recorde alcançado.

Quadro dos medalhistas mundiais de 2013



Rafaela Silva 57 KG // JUDÔ

Jorge Zarif CLASSE FINN // VELA

Equipe de Vôlei Feminino

César Cielo 50M LIVRE // NATAÇÃO

Poliana Okimoto 10 KM // MARATONAS AQUÁTICAS

Arthur Zanetti ARGOLAS // GINÁSTICA ARTÍSTICA

Robert Scheidt LASER // VELA

Equipe de Handebol Feminino

Erika Miranda 52 KG // JUDÔ

Rafael Silva + 100 KG // JUDÔ

Maria Suellen Altheman +78 KG // JUDÔ

Yane Marques PENTATLO MODERNO

Equipe de Vôlei Masculino

Ricardo / Álvaro Filho VÔLEI DE PRAIA MASCULINO

Ana Marcela Cunha 10 KM // MARATONAS AQUÁTICAS

Martine Grael / Kahena Kunze 49ER // VELA

Equipe / saltos HIPISMO

Robson Donato Conceição 60KG // BOXE

Isaquias Queiroz C1 1000 // CANOAGEM

Sarah Menezes 48 KG // JUDÔ

Mayra Aguiar 78 KG // JUDÔ

Guilherme Dias 58 KG // TAE KWON DO

Lili e Barbara Sanches VÔLEI DE PRAIA FEMININO

Felipe Lima 100 M PEITO // NATAÇÃO

Thiago Pereira 200 M MEDLEY // NATAÇÃO

Thiago Pereira 400 M MEDLEY // NATAÇÃO

Everton Lopes BOXE // 64KG



27

medalhas
conquistadas
pelo Time Brasil em
2013



Arthur Zanetti,
campeão mundial de Ginástica artística

O ano de 2013 foi o melhor ano pós-olímpico do Brasil. Para efeitos de comparação, em 2009, após os Jogos de Pequim, disputados no ano anterior, foram nove medalhas conquistadas. Uma análise dos recentes anos pós-Jogos Olímpicos não só contribui para radiografar o histórico do desempenho de atletas e de modalidades – e, por conseguinte, aprimorar o que for necessário na preparação do Time Brasil –, como também revela que as 27 medalhas conquistadas em 2013 são a prova da nítida evolução do esporte de alto rendimento no Brasil nos últimos anos.

Uma rápida projeção em relação aos Jogos Olímpicos mostra que esse número de conquistas estaria muito próximo do objetivo traçado pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB) para o Rio 2016, o de ficar entre os dez primeiros países no número total de medalhas. Basta observar que,

levando-se em conta essa tabela, em Londres 2012 a Ucrânia ficou na décima colocação, com 28 medalhas; já em Pequim 2008, foi a Itália quem ocupou essa posição, com 27 conquistas.

Nas últimas cinco edições dos Jogos Olímpicos (de 1996 a 2012), o Brasil conquistou 69 medalhas, o que representa uma média de 13,8 medalhas por Jogos; nas dezesseis edições anteriores (de 1920 a 1992), foram conquistadas 39 medalhas, uma média de 2,4 medalhas por Jogos. Ainda que os resultados obtidos nos mundiais não assegurem igual número de medalhas em 2016, a curva ascendente do esporte de alto rendimento do Brasil demonstra que o COB segue por um caminho correto para atingir a meta de estar entre os dez primeiros nos Jogos Olímpicos Rio 2016, o que representaria uma conquista inédita para o esporte brasileiro.

Como critério de avaliação das conquistas de 2013, o COB levou em conta os resultados obtidos nos campeonatos mundiais de cada modalidade olímpica ou em competições equivalentes em termos técnicos – sempre de caráter mundial, nunca continental. Entre eles o título do Grand Prix conquistado pela seleção feminina de vôlei. Ou seja, foram considerados apenas os resultados de disciplinas e provas presentes no programa olímpico, reconhecidos pelas federações internacionais da modalidade e que

apresentaram um alto nível técnico de participantes e de resultados. A partir destes números, o COB conseguiu detectar o estágio atual do esporte de alto rendimento do país e gerou uma Tabela Relativa de Resultados. Ordenada pelo critério quantitativo de medalhas, a tabela indica o nível em que estão os atletas brasileiros e os compara a competidores de outros países. Desta forma, a tabela se tornou uma ferramenta de medição/aferição intermediária, indispensável ao planejamento para os Jogos Olímpicos Rio 2016.



Equipe brasileira de Handebol comemorando o primeiro campeonato mundial.



Fabi e Thaisa, bicampeãs olímpicas,
participaram da conquista do Grand Prix.



O melhor ano pós-olímpico do Brasil

Tabela Relativa de Resultados Olímpicos 2013

	País	Ouro	Prata	Bronze	Total
1	Rússia	28	26	28	82
2	EUA	27	29	25	81
3	China	30	21	17	68
4	Alemanha	14	17	22	53
5	Grã Bretanha	14	11	11	36
6	França	12	7	12	31
7	Austrália	7	17	5	29
8	Brasil	8	10	9	27
9	Japão	10	6	9	25
10	Coreia do Sul	9	4	11	24
11	Hungria	9	3	11	23
12	Itália	8	7	7	22
13	Espanha	3	6	12	21
14	Holanda	6	5	9	20
15	Nova Zelândia	9	6	4	19
16	Canadá	1	7	10	18
17	Cuba	4	6	5	15
18	Ucrânia	4	3	6	13
19	Azerbaijão	4	3	6	13
20	Quênia	5	4	3	12

O acompanhamento dos resultados ao longo do ano faz parte de um sistema de monitoramento adotado pelo COB, que segue o desempenho dos principais atletas brasileiros, de

modalidades individuais ou coletivas. Esse sistema é fundamental para estabelecer a estratégia de investimentos em cada esporte, disciplina ou atleta em potencial e utiliza três modelos de controle:

A) Os mencionados resultados em campeonatos mundiais ou competições equivalentes;

B) O posicionamento dos atletas brasileiros nos rankings internacionais de cada modalidade;

C) A análise subjetiva da modalidade olímpica, que considera o potencial do atleta, seu histórico de resultados, a possibilidade de evolução da modalidade e os diversos cenários internacionais de cada esporte ou disciplina. Este sistema de monitoramento é também adotado por vários países, mas foi adaptado pelo COB às características e realidade brasileiras, e propicia alterar rotas, quando necessário.

O monitoramento do COB é feito em conjunto com as Confederações Brasileiras Olímpicas, acompanha a evolução de cerca de duzentos atletas de alto rendimento e busca atender as principais necessidades desses atletas em termos de treinamento esportivo. O foco está em radiografar o estágio de preparação de cada atleta em relação aos Jogos Olímpicos Rio 2016, mas o método permite uma avaliação também na direção dos Jogos de 2020, de 2024 e daí em diante. É sempre bom ressaltar que o Planejamento Estratégico do COB prevê, além de um Time Brasil forte e que figure entre as grandes potências esportivas em 2016, a manutenção do país num alto patamar pelos anos seguintes, e de forma definitiva. O grande número de atletas avaliados não é impeditivo de um acompanhamento bastante individualizado, que busque suprir as carências de cada atleta e que preste todo o suporte que eles precisam para melhorar seus rendimentos.

Todas as ações do monitoramento estão interligadas e de acordo com os objetivos traçados pelo Planejamento Estratégico do COB. Ou seja, uma atividade está diretamente ligada à outra, como em um movimento circular: o monitoramento acompanha os resultados; em seguida, os resultados são apresentados; a partir da análise dos números obtidos intensifica-se ou não a preparação dos atletas; após a realização deste ciclo, um novo monitoramento é realizado e novos resultados são apresentados.

No Planejamento Estratégico do COB foi estabelecido que os primeiros anos deste ciclo olímpico – incluindo, claro, 2013 – sejam voltados para a qualificação técnica das equipes brasileiras de diversas modalidades. Para que este objetivo seja alcançado foram traçadas três principais diretrizes, que já estão sendo postas em prática e realizadas em conjunto: a contratação e capacitação de novos treinadores de ponta, estrangeiros ou brasileiros; o desenvolvimento e utilização de

equipes multidisciplinares; e a intensificação de ações diretas das ciências do esporte.

A participação de treinadores qualificados no processo de preparação de atletas e equipes brasileiras é de fundamental contribuição para a evolução técnica do Time Brasil rumo a 2016. Ciente deste fato, além do incentivo para a contratação desses treinadores, o próprio Comitê Olímpico Brasileiro tem viabilizado, por meio de recursos oriundos da Lei Agnelo-Piva, a contratação de alguns dos principais técnicos em suas modalidades e os cedido às confederações. O ano de 2013 foi encerrado com mais de quarenta treinadores estrangeiros e brasileiros, de 23 modalidades diferentes, trabalhando com as equipes nacionais. Paralelamente, segue em curso a capacitação, pelo COB, de 203 treinadores – em um primeiro momento, das modalidades atletismo, natação, ginástica artística, judô,

lutas associadas e tae kwon do –, a partir de um programa desenvolvido pelo Instituto Olímpico Brasileiro, por intermédio de sua Academia Brasileira de Treinadores (ABT).

Contratados diretamente pelo COB, os treinadores estrangeiros já estão em plena atividade e vêm desenvolvendo seus métodos de trabalho no comando de suas respectivas equipes olímpicas. Exemplos desse caso são o espanhol Jesús Morlán (canoagem), a japonesa Yuko Fujii (judô) e os bielorrussos Alexander Alexandrov e Margarita Vatnika e o russo Vladimir Vatin (ginástica artística). Outro nome de destaque é o do croata Ratko Rudic, novo treinador da equipe masculina de polo aquático, apontado como o melhor da modalidade, e que já conquistou cinco medalhas olímpicas, sendo quatro de ouro – a última delas pela Croácia, em Londres 2012.

Treinadores

Jesús Morlán CANOAGEM VELOCIDADE // ESPANHA

Alexander Alexandrov GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA // RÚSSIA

Yuko Fujii JUDÔ // JAPÃO

Javier Torres del Moral VELA // ESPANHA

Vitaly Petrov ATLETISMO // UCRÂNIA

Vladimir Vatin GINÁSTICA ARTÍSTICA MASCULINA // BIELORRÚSSIA

Marcos Goto GINÁSTICA ARTÍSTICA MASCULINA // BRASIL


Torben Grael VELA // BRASIL

O trabalho desenvolvido por esses treinadores tem como objetivo principal os Jogos Olímpicos Rio 2016. Porém, mais importante que o resultado em curto prazo são o conhecimento, a experiência, a vivência e as novas técnicas de treinamento que eles vêm transmitindo aos nossos atletas, aos integrantes das comissões técnicas e até mesmo aos dirigentes esportivos. O intercâmbio de conhecimento e o aprendizado, a partir da relação com os novos treinadores, são de grande valor para o atleta e ficarão também como legado para o esporte brasileiro além dos Jogos do Rio. Se, em algumas modalidades, os frutos pelo trabalho iniciado deverão ser colhidos em 2016, em outras os bons resultados já começaram a surgir neste início de ciclo olímpico.

É o exemplo da canoagem velocidade (canoas), cujo técnico da equipe brasileira, o espanhol Jesús Morlán, foi contratado no mês de abril e, em outubro, a modalidade conquistava

seus melhores resultados da história. No Mundial disputado em Duisburg, na Alemanha, Isaquias Queiroz foi ouro no C1 500m e bronze no C1 1000m (prova olímpica) e a equipe brasileira ainda chegou a outras duas finais, com Nivalter dos Santos (C1 200m) e a dupla Erlon Souza/Ronilson Oliveira (C2 200m). Estes resultados são indícios de boas perspectivas para a modalidade em um futuro bem próximo.

Segundo a própria avaliação de Morlán – detentor, como técnico, de nada menos que cinco medalhas olímpicas e outras dez em mundiais – o primeiro ano foi bem melhor do que o planejado porque normalmente uma temporada tem 46, 48 semanas de treinamento e, desde a sua chegada ao Brasil, havia apenas 21 semanas disponíveis até a disputa do mundial. “No Mundial, a equipe brasileira foi o grande destaque, as pessoas das outras equipes só falavam do Brasil. Houve um dia em que ganhamos todas as provas que disputamos.



Isaquias Queiroz
ouro e bronze no campeonato mundial.

CLIQUE AQUI E ASSISTA AO VÍDEO

Remando para 2016
A construção de um sonho

Sigam remando. Ninguém mandou parar. Sigam remando.

Jesús Morlán TREINADOR
SELEÇÃO BRASILEIRA DE CANOAGEM.

Vários treinadores, de outros países, me cumprimentaram mais pelos resultados dos brasileiros neste Mundial do que por todas as medalhas olímpicas que eu conquistei. Se posso dar uma explicação para esse bom desempenho é que os atletas treinaram com muita intensidade”, disse o treinador.

Grande parte dessa rápida adaptação dos atletas brasileiros aos métodos de Jesús Morlán está ligada ao suporte oferecido pelo Comitê Olímpico Brasileiro, que foi elogiado pelo próprio treinador espanhol. “Não sou de pedir muito, mas, em tudo que eu solicitei, fui prontamente atendido pelo COB. E isso faz toda a diferença na hora da competição”, afirmou Morlán.

O investimento na preparação do Time Brasil também passa obrigatoriamente pelas equipes multidisciplinares, de saúde esportiva, formadas para oferecer o suporte necessário aos atletas dentro e fora do período de competições. Integradas em serviços e ações, estas equipes são compostas de profissionais de diversas áreas, como preparação física, fisioterapia, avaliação de desempenho, análises técnicas e serviços médicos, que ficam responsáveis por determinado atleta ou equipe. Assim, o atleta é permanentemente acompanhado

de perto, o que pode aprimorar o processo de treinamento esportivo.

O terceiro pilar de sustentação na qualificação técnica de nossos atletas, implantado para Londres 2012, intensificado neste início de ciclo olímpico, e que tende a crescer ainda mais, é o investimento em serviços das ciências do esporte. Em parceria com universidades brasileiras, o COB vem desenvolvendo testes científicos com atletas e equipes olímpicas, com o objetivo de melhorar seus desempenhos. Por meio de estudos das necessidades dos atletas/equipes, em conjunto com as confederações, são desenvolvidos projetos que envolvem diferentes áreas do conhecimento científico, tais como fisiologia, bioquímica, nutrição, psicologia, meteorologia, treinamento esportivo e videoanálise. A esses ainda podem ser acrescentadas as denominadas novas ciências do esporte, como os estudos da genética e os relacionados aos distúrbios do sono. A partir dos dados coletados, são realizados então acompanhamentos de aspectos bioquímico-nutricionais, ajustes necessários à preparação física, prevenção de lesões e ações fisiológicas de recuperação. É um investimento em detalhes, muitas vezes imperceptível, mas que podem fazer toda diferença em 2016.

Para dar mais tranquilidade aos atletas, o COB passou a prover também, em 2013, assistência médico-hospitalar aos competidores. Por meio de um convênio com o plano Bradesco Saúde o atleta é auxiliado em seus cuidados médicos e na realização de exames clínicos, o que contribui ainda mais para o aumento de seu desempenho esportivo.

Além das três diretivas que norteiam a qualificação técnica – novos treinadores, equipes multidisciplinares e ciências do esporte –, o Comitê Olímpico Brasileiro também vem realizando outras ações de suporte ao treinamento esportivo dos atletas. Nesse caso estão estágios nacionais e internacionais para atletas de diversas modalidades, incluindo apoio financeiro e a

realização de campings de treinamento no Brasil e no exterior, e a participação em competições estratégicas do calendário internacional.

Do mesmo modo vem sendo reforçada a aquisição de equipamentos esportivos, de avaliação e controle, e tecnológicos, que permitem fazer análises táticas, técnicas e de scouts. Dentre os materiais esportivos adquiridos pelo COB estão embarcações de vela, conjuntos de colchões para o salto com vara e equipamentos para a ginástica artística, cedidos aos principais atletas em suas modalidades.

A quantidade de medalhas em 2013 foi um ótimo sinal e a distribuição delas por treze modalidades reafirma mais um compromisso firmado pelo Planejamento Estratégico do COB:



CLIQUE AQUI E ASSISTA AO VÍDEO
A Ciência do resultados
Biometria de uma vitória

Yane Marques, medalhista olímpica do pentatlo moderno.



o de pulverização de conquistas entre um número cada vez maior de disciplinas. A média histórica atual é de oito modalidades que conquistam medalhas em Jogos Olímpicos. Segundo o planejamento do COB, para se alcançar o top 10 nos Jogos Olímpicos Rio 2016, o objetivo é ampliar esse número para, no mínimo, dez modalidades. O número não é fechado. Quanto mais modalidades credenciadas conquistarem medalhas, maior a probabilidade de êxito nos Jogos Olímpicos Rio 2016.

Para que isso aconteça é preciso ampliar o número de atletas capazes de conquistar medalhas, aumentar o número de medalhas nas modalidades em que já temos tradição de conquistas olímpicas – estratégia que já funcionou em Londres 2012, quando vôlei e judô ganharam quatro medalhas cada uma, um número recorde para os dois esportes – e conquistar medalhas em novas modalidades, como também já ocorreu em Londres com o boxe, a ginástica artística e o pentatlo moderno. O Comitê Olímpico Brasileiro está trabalhando arduamente em cima dessas necessidades e as 27 medalhas conquistadas em campeonatos mundiais já foi um bom indicativo.

São detalhes que a gente acaba somando para fazer a diferença no fim.

Yane Marques MEDALHISTA OLÍMPICA
PENTATLO MODERNO

Fora o aumento no número de medalhas e de modalidades, também foi expressivo a quantidade de atletas classificados entre os vinte melhores do mundo. Ao fim do ano, foram 68 atletas, ou equipes brasileiras, entre os dez primeiros do ranking mundial da modalidade ou disciplina olímpica, e 121 posicionados entre os vinte primeiros. São dados de extrema relevância para o COB, pois evidencia o que está determinado em seu Plano Estratégico e reforça o alinhamento de ações realizadas em conjunto com as Confederações Esportivas.

A distribuição gradativa de medalhas por mais modalidades tende a se intensificar graças a um projeto desenvolvido dentro do Plano Estratégico, conduzido em parceria com as confederações esportivas e com o Ministério do Esporte. O projeto, denominado Programa Estratégico Olímpico Rio 2016, foi implantado em 2012 e, num primeiro momento, formaram-se equipes com integrantes das três entidades (COB, Ministério do Esporte e confederações), intituladas Equipes de Melhoria de Desempenho. Essas equipes passaram a ser responsáveis pelo diagnóstico de algumas modalidades esportivas, com prioridade àquelas cujos atletas têm um maior potencial de conquistar uma medalha em 2016. Feitas essas avaliações primárias, e em paralelo ao que já vinha sendo realizado, o Comitê Olímpico Brasileiro deu início, então, a um trabalho de campo mais detalhado, a fim de oferecer as melhores condições de treinamento possíveis aos potenciais medalhistas.

Após o diagnóstico inicial, a Gerência de Planejamento Esportivo implantou um sistema de dados que pode ser acessado e alimentado com informações tanto pelo COB quanto pelas confederações, uma espécie de documento vivo e detalhado de vários atletas brasileiros, sempre com o foco em 2016. Com base em metas esportivas, oportunidades, tendências, análises e controle, o sistema cruza as informações relativas às modalidades e traça um planejamento quadrienal e individual para cada atleta, potencial medalhista ou não, apontando os pontos fortes e fracos. O sistema permite um maior entrosamento entre o COB e as confederações, o que gera melhorias no planejamento tanto de uma quanto de outra instituição – consequentemente, do esporte brasileiro, em geral –, e é denominado Sistema Integrado de Gestão Esportiva.

O Sistema Integrado é dotado de alta tecnologia e prevê formulários e planilhas on-line, que ajudam a traçar um diagnóstico instantâneo não só do atleta, como da própria modalidade, com suas virtudes e carências, e com metas a serem atingidas em prol de seu desenvolvimento. Assim, com informações de lado a lado, trocadas com uma maior rapidez, facilita-se o alinhamento de projetos e, por outro lado, evita-se a sobreposição deles. Mesmo que um projeto tenha por objetivo melhorias estruturais ou de

equipamentos, o foco é sempre o atleta e o seu desempenho nas competições.

Além de dados sobre os atletas do COB, o sistema também busca a análise dos principais adversários, por meio da Inteligência Competitiva. O uso dessa ferramenta permite coletar, analisar e aplicar, legal e eticamente, informações relativas às capacidades, vulnerabilidades e intenções dos concorrentes, bem como monitorar o ambiente competitivo em geral.

Os projetos apresentados em busca da melhoria de desempenho de uma modalidade são analisados em relação à viabilidade, ao prazo de execução e ao valor de investimento. Se considerado viável, um prazo é estipulado — curto ou longo —, e então busca-se a melhor forma de investimento, com prioridade àqueles voltados para 2016.

O Sistema Integrado de Gestão Esportiva é importante também no momento de canalizar os recursos disponíveis para cada projeto. Para além daquelas confederações que já possuem seus próprios parceiros, o Comitê Olímpico Brasileiro procura viabilizar recursos através de patrocínios, leis de incentivo, convênios com o Ministério do Esporte ou outros meios que estejam ao seu alcance.

***Bom é que é no Brasil,
antes a gente tinha que viajar
para ter uma estrutura assim***

Mayra Aguiar MEDALHISTA OLÍMPICA
JUDÔ

Além do sistema integrado, a Gerência de Planejamento Esportivo do COB tem realizado reuniões constantes com os departamentos técnicos das confederações para uma análise conjunta do calendário de competições, dos atletas que irão disputá-las e de seus concorrentes. A cada competição, todos os detalhes são levados em consideração, como índices, tempos e outros indicadores, fundamentais para o objetivo final: o êxito nos Jogos Olímpicos Rio 2016.

Até o fim do ciclo olímpico, o Time Brasil participará de diversas competições ou grandes eventos esportivos, como Mundiais, Jogos Sul-americanos, Jogos Olímpicos da Juventude e Jogos Pan-americanos. O processo de qualificação técnica das equipes brasileiras vai necessariamente passar pelo desempenho dos atletas nessas competições, que ajudará a formar a delegação olímpica brasileira.



Mayra Aguiar, medalhista olímpica.

CLIQUE AQUI E ASSISTA AO VÍDEO

Dojo Brasil
Atenção aos detalhes

Eventos esportivos

Um bom desempenho nos Jogos Olímpicos Rio 2016 é o objetivo imediato do Plano Estratégico desenvolvido pelo COB. Mas, após os Jogos, todos os esforços estarão voltados para a manutenção do Time Brasil entre as maiores potências esportivas mundiais. Além da continuidade em ações que permitam uma melhor preparação de nossos atletas – como a contratação de treinadores de ponta ou aplicação das ciências do esporte – um ponto de fundamental importância é ter o Centro Olímpico de Treinamento como legado dos Jogos do Rio. O centro esportivo, com capacidade para abrigar diversas modalidades num só espaço, dará ao país a condição necessária para se firmar

definitivamente entre as grandes potências do esporte, e o COB tem trabalhado arduamente para tornar o projeto uma realidade.

Os bons resultados alcançados pelo Time Brasil em 2013 estão correlacionados às inovações pelas quais passa o esporte de alto rendimento no país. Mas, para que uma política em favor do esporte se torne uma ação duradoura, é necessário também dedicar atenção especial às novas gerações, para que amanhã estes atletas se tornem medalhistas. Uma modalidade vencedora tem, entre seus mandamentos, o alto investimento na formação de base e a constante renovação de seus atletas.



▶
CLIQUE AQUI E ASSISTA AO VÍDEO
Jovens Atletas
Grandes campeões

I Jogos Sul-americanos da Juventude | Lima - Peru

Como instituição máxima de fomento ao esporte no país, o Comitê Olímpico Brasileiro, em parceria com as confederações, aposta no alto investimento na formação de base e na constante renovação de seus atletas. Essa medida traz ao COB a certeza de que o Time Brasil será bem representado hoje e em competições futuras. O desempenho do Time Brasil nos Jogos Sul-americanos da Juventude 2013, disputados em Lima, no Peru, é exemplo disso.

O forte investimento na base garantiu ao país um lugar de destaque nos Jogos, com a conquista de nada menos do que 142 medalhas (72 de ouro, 38 de prata e 32 de bronze). Com uma delegação de 99 atletas, os brasileiros subiram ao pódio em todas as 22 modalidades que constavam no programa esportivo do evento, que eram: atletismo, badminton, boxe, canoagem, ciclismo BMX, ciclismo estrada, ciclismo mountain bike, esgrima, ginástica artística, judô, levantamento de peso, luta greco-romana, luta livre, natação, remo, saltos ornamentais, tae kwon do, tênis, tênis de mesa, triatlo, vela e vôlei de praia.

Para que uma política em favor do esporte se torne uma ação duradoura, é necessário também dedicar atenção especial às novas gerações, para que amanhã estes atletas se tornem medalhistas.

Em sua primeira edição, os I Jogos Sul-americanos da Juventude foram disputados por mais de 1.200 competidores de catorze países e com idade até 17 anos, e serviram também de evento preparatório para os Jogos Olímpicos da Juventude Nanjing 2014, na China. A competição sul-americana segue o mesmo programa esportivo e a mesma faixa etária dos Jogos Olímpicos da categoria, bem como enfatiza a importância da união entre os jovens em torno dos valores olímpicos e do esporte.

Na capital peruana, apenas modalidades com índices, como a natação, classificavam para o evento mundial. A natação brasileira foi justamente a modalidade que mais trouxe medalhas para o Brasil, com 48 conquistas, além da obtenção de doze índices para Nanjing 2014. Atletas de modalidades que não tinham índices irão disputar vagas para o próximo Jogos Olímpicos da Juventude em torneios ou seletivas próprias.

Em meio às inúmeras medalhas brasileiras, algumas conquistas individuais chamaram a atenção, como as quatro medalhas de ouro da atleta Rebeca Andrade e as três, também de ouro, de Flavia Saraiva, ambas da ginástica artística; as duas medalhas de ouro de Gabriela Cecchini, bronze no último Mundial Cadete, na esgrima; e as vitórias de Mirna Dias, nos 100m e 200m rasos, no atletismo. Entre os homens, destaque para Marcelo Zormann, medalha de ouro na simples e na dupla mista, no tênis, e para Cleverson Oliveira, ouro no lançamento de disco, com 56m28, marca expressiva em termos mundiais para a sua categoria.

A atenção dispensada pelo Comitê Olímpico Brasileiro aos jovens atletas pôde ser verificada na estrutura de suporte montada para o Time Brasil em Lima. No hotel onde se hospedou a delegação, uma área de convivência e entretenimento, com video games, computadores e mesa de tênis de mesa, virou ponto de encontro e auxiliou na integração entre os atletas. No local, um departamento médico funcionou por 24 horas, com atendimento também nas áreas de fisioterapia e massoterapia. A logística traçada pelo COB contemplou ainda uma complexa estrutura para transportes, lavanderia, alimentação e secretaria, similar às montadas para as mais importantes competições esportivas internacionais.

A ampla hegemonia brasileira entre os melhores jovens atletas do continente – 85% dos brasileiros voltaram para casa com medalha no peito – é sinal de que o COB vem trabalhando por uma renovação sustentável em prol do desenvolvimento do esporte olímpico brasileiro, com metas para além dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Foi em Lima que muitos deles fizeram a sua estreia em competições internacionais, fator que certamente serve de estímulo para a continuidade dos treinamentos e para o aprimoramento da técnica. Fora a riqueza que um intercâmbio com outros países e culturas proporciona para o conhecimento de cada um desses jovens esportistas.

Um dado relevante revela os esforços despendidos pelo COB em relação ao esporte na base: cerca de 50% dos atletas que estiveram em Lima deram seus primeiros passos na (ainda) iniciante carreira em torneios dos Jogos Escolares da Juventude (JEJ). Realizados pelo COB desde 2005, o maior evento esportivo estudantil do país vem se transformando em um grande celeiro de talentos para o desporto nacional. E tem contribuído, cada vez mais, para a formação de nossas delegações em competições de nível internacional, como os Jogos Sul-americanos, Pan-americanos e Olímpicos. Em Londres 2012, por exemplo, dezessete atletas oriundos dos Jogos Escolares competiram na capital britânica, como Sarah Menezes e Mayra Aguiar, que conquistaram as medalhas de ouro e bronze, respectivamente. As judocas brasileiras são duas dos milhares de estudantes que já passaram pelas etapas estaduais e nacionais dos Jogos Escolares da Juventude nos últimos nove anos. Esta competição tem como fio condutor a relação multidisciplinar entre educação, esporte, cultura e meio ambiente.

Mais do que simplesmente abastecer o Time Brasil com seguidas revelações, o evento estudantil contribui para uma maior inserção social dos jovens por meio do esporte.

Assim, o programa incentiva a prática esportiva entre os jovens brasileiros; cria um ambiente favorável ao desporto dentro e fora da escola; promove um diversificado intercâmbio cultural existente num país de dimensões continentais; e incentiva o respeito ao próximo e à natureza. Por ano, são mais de 2 milhões de atletas-alunos – contando as fases estaduais —, de cerca de 4 mil cidades, que disputam os jogos, em catorze modalidades. A julgar pelos últimos anos, muitos desses jovens podem representar o Time Brasil nos Jogos Olímpicos Rio 2016, Tóquio 2020 e seguintes.

Mais do que simplesmente abastecer o Time Brasil com seguidas revelações, o evento estudantil contribui para uma maior inserção social dos jovens por meio do esporte.

Em 2013, em sua fase nacional, os Jogos Escolares da Juventude foram disputados em Natal (na faixa etária de 12 a 14 anos) e Belém (15 a 17 anos). Na etapa realizada na capital do Pará, quase 4 mil jovens, de 1.251 escolas públicas e privadas de todas as regiões do país participaram, o que representa um número recorde na história da competição. A cada ano os Jogos Escolares atraem um número maior de participantes e estabelecem novos padrões de organização. Em Belém, a modalidade com maior número de competidores foi o handebol, com 652 alunos inscritos. Além dos alunos, o evento contou com a presença de treinadores, árbitros, observadores internacionais, chefes de delegação, oficiais, médicos, fisioterapeutas, profissionais da imprensa e cerca de 220 voluntários, reunidos durante dez dias em torno do esporte, cultura e educação.

Atletismo nos Jogos Escolares da Juventude, etapa de 15 a 17 anos, em Belém.

CLIQUE AQUI E ASSISTA AO VÍDEO

Cultura e esporte em ação
Jogos Escolares da Juventude, o futuro de esporte está aqui



“O Brasil organiza um evento muito grande e de forma muito séria. Trabalhar com um evento esportivo no seio escolar é muito difícil e muito importante. Creio que o Brasil seja um exemplo de como desenvolver o esporte na escola, em toda amplitude e humanidade, apesar de todas as dificuldades de se controlar todo o sistema, já que é um país muito grande”, elogiou o cubano Ramón Alejandro Aji Fariñas, que trabalha na organização do esporte escolar de seu país e participou do evento como um dos dezoito observadores internacionais.

Destaques nos Jogos Escolares da Juventude têm abastecido várias modalidades brasileiras. No fim de 2013, quarenta jovens jogadores de vôlei, que disputaram a etapa de Natal (12 a 14 anos), foram convidados para um treinamento de campo no Centro de Treinamento da Confederação Brasileira de Vôlei, em Saquarema. Os treinamentos foram conduzidos pelos técnicos das seleções brasileiras de base, com auxílio de treinadores convidados pelo COB, e tiveram como objetivo a detecção de novos talentos para futuras convocações.

Os Jogos Escolares da Juventude já foram premiados pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) com o troféu “Esporte – Inspirando Jovens”. Esta instituição, inclusive, reconheceu que o modelo adotado pela competição estudantil brasileira a inspirou no planejamento de ações dos I Jogos Olímpicos da Juventude, em Cingapura 2010. Os JEJ também tiveram fundamental importância para que o Brasil fosse convidado a participar, pela primeira vez, do Festival Olímpico da Juventude da Austrália. Em sua sexta edição, realizada em janeiro de 2013, em Sidney, o festival contou com a presença de aproximadamente 1.700 jovens (de até 18 anos), de trinta países. Entre eles Estados Unidos, China, Grã-Bretanha e a anfitriã Austrália. O Time Brasil foi representado por 67 atletas – sendo 52 deles destaques dos JEJ –, e retornou das terras australianas com 23 medalhas (oito de ouro, nove de prata e seis de bronze).

***Com toda essa infraestrutura
você sente que o que você
está fazendo é importante***

Gabriela Cechim MEDALHISTA NOS JOGOS SUL-AMERICANOS DA JUVENTUDE
ESGRIMA

Eventos especiais

A expectativa pela realização dos Jogos Olímpicos Rio 2016 não se resume apenas a quem vai competir, mas também a todas as pessoas envolvidas no evento e à grande legião de espectadores, do Brasil e do exterior. Nada mais natural, já que os Jogos Olímpicos, além de serem uma grandiosa competição, são também o maior conagraçamento de etnias, credos e religiões do mundo através do esporte. De quatro em quatro anos, delegações de mais de duzentos países se reúnem, e a Vila Olímpica se transforma num aglomerado de bandeiras, cores, culturas, idiomas e costumes. Todos convivendo de forma pacífica e harmoniosa, sem qualquer tipo de discriminação ou privilégios.

Para antecipar um pouco da atmosfera que será vivenciada durante o período dos Jogos Olímpicos Rio 2016, o COB apresentou, em 2013, a exposição inédita Jogos Olímpicos: esporte, cultura e arte, que foi visitada por 60 mil pessoas. A mostra, que foi realizada na Galeria de Arte do SESI/FIESP, em São Paulo, e no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, contou com parte do acervo do Museu Olímpico, do Comitê Olímpico Internacional (COI), que fica em Lausanne, na Suíça e que esteve fechado momentaneamente para obras de modernização. A exposição apresentou ao público aproximadamente trezentas peças que marcaram e representam a trajetória dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, incluindo objetos cedidos por atletas brasileiros. Entre eles o quimono usado por Sarah Menezes em Londres 2012 e o colete que o velejador Torben Grael utilizou em Sidney 2000.

A mostra representou mais uma ferramenta utilizada pelo COB para difundir no país o Olimpismo, filosofia de vida que defende a formação de uma consciência pacifista, democrática, humanitária, cultural e ecológica por meio da prática esportiva. Uma das principais peças da exposição, inclusive, era a réplica do Manifesto Olímpico, redigido por Pierre de Coubertin em 1892 e célula embrionária dos Jogos Olímpicos. O documento é a síntese, a essência do Olimpismo, com seus ideais de excelência, amizade e respeito entre os povos.



Urso Micha, mascote dos Jogos Olímpicos de Moscou 1980, recepciona os visitantes da exposição Jogos Olímpicos: esporte, cultura e arte

Além do Manifesto Olímpico, os visitantes puderam conferir objetos que fizeram a história dos Jogos Olímpicos, competição que mobiliza o mundo de quatro em quatro anos. Entre elas, a sapatilha de Adhemar Ferreira da Silva, que o ajudou a conquistar as medalhas de ouro em Helsinque 1952 e Melbourne 1956; o ursinho Misha, mascote dos Jogos de Moscou 1980; o tênis usado por Michael Jordan, quando integrou o mágico Dream Team de basquete dos Estados Unidos, em Barcelona 1992; e o uniforme utilizado pelo tenista Roger Federer, medalha de ouro nos Jogos de Pequim, em 2008.

A exposição foi dividida em nove módulos: Jogos da Antiguidade, o Sonho de Coubertin, Acendendo a Tocha, Cerimônias, Esportes e Medalhas, Mascotes, Memorabilia, Time Brasil e Rio 2016. Com entrada gratuita, o público teve a experiência de segurar a tocha dos Jogos Olímpicos Londres 2012 e tirar fotos ao lado de mascotes, além de participar de uma simulação de salto em distância. Atividades educativas destinadas ao público infantil também estiveram disponíveis, além de uma pequena sala de projeção, onde foram exibidos vídeos de acervo do COI.

Aproximadamente 60 mil pessoas visitaram a exposição nas duas cidades. No Rio de Janeiro, a grande adesão do público infantil chamou a atenção, com a presença de aproximadamente 6 mil alunos de duzentos colégios. O número de crianças reforça ainda mais a responsabilidade do COB na transmissão dos valores olímpicos, conforme se aproxima a disputa dos Jogos Olímpicos Rio 2016. O evento no Rio de

Janeiro é uma grande oportunidade de se colaborar pela construção de um mundo melhor, sem qualquer tipo de discriminação, e de se assegurar a prática de esportes como um direito de todos os brasileiros.

A proximidade dos Jogos Olímpicos Rio 2016 também proporcionou a realização no Brasil, e pela primeira vez na América do Sul, de um importante encontro internacional de gestores esportivos em agosto de 2013, na sede do COB. O VIII Fórum Internacional sobre Esporte de Elite foi organizado pela Associação de Centros de Treinamento de Alto Rendimento (Association of Sport Performance Centers – ASPC). Entre os principais objetivos do evento, que acontece a cada dois anos, estão a troca de informações e experiências entre pessoas, organizações e instituições interessadas em esporte de elite, e o estabelecimento de acordos de colaboração entre os centros de alto rendimento.

Com excelentes palestras e uma saudável troca de informações, o fórum representou para o esporte brasileiro mais uma oportunidade de intercâmbio com o que melhor se faz em termos de gestão e prática esportiva no mundo.

A programação do evento reuniu alguns dos maiores especialistas em esporte de alto rendimento do mundo. Entre eles, Michael Johnson, velocista quatro vezes medalha de ouro em Jogos Olímpicos; Cláudia Bokel, presidente da Comissão de Atletas do COI e medalhista olímpica na esgrima; Liz Nicholl, chefe-executiva do UK Sports (agência governamental que financia o esporte britânico); Lee Kaplan, chefe da divisão de Medicina do Esporte da Universidade de Miami (EUA); e os treinadores brasileiros Bernardinho e Carlos Alberto Parreira. Com excelentes palestras e uma saudável troca de informações, o fórum representou para o esporte brasileiro mais uma oportunidade de intercâmbio com o que melhor se faz em termos de gestão e prática esportiva no mundo.

Outro grande projeto lançado pelo COB em 2013, também diretamente relacionado com os Jogos Olímpicos Rio 2016 e voltado para a população, foi o programa COB nas Ruas. Criado com o objetivo de divulgar as modalidades esportivas que serão disputadas nos Jogos e de estimular o crescimento da prática esportiva no Brasil o programa esteve presente em praças de grande circulação de público do país. Alinhado com o Planejamento Estratégico, o programa também procura aproximar o COB e os ídolos do esporte brasileiro da população e melhor comunicar a função social da instituição.



COB nas ruas em Cuiabá.

O COB nas Ruas esteve em praças de sete capitais brasileiras ao longo do ano – Vitória (ES), Belo Horizonte (MG), Macapá (AP), Belém (PA), Manaus (AM), Cuiabá (MT) e Porto Velho (RO) –, sempre com a presença de um atleta olímpico e de treinadores indicados pelas confederações.

Nas etapas do evento foram realizadas clínicas esportivas de duas modalidades, palestras de atletas – entre eles os campeões olímpicos Arthur Zanetti e Sarah Menezes – e foram distribuídos brindes ao público presente. Ao todo, 9 mil pessoas foram atendidas diretamente pelo COB nas Ruas.

COB nas Ruas em 2013

Vitória, Espírito Santo // 22 DE MAIO // Fabi Alvim

Belo Horizonte, Minas Gerais // 05 DE JUNHO // Arthur Zanetti

Macapá, Amapá // 13 DE JUNHO // Sarah Menezes

Belém, Pará // 11 DE JULHO // Adriana Araújo

Manaus, Amazonas // 18 DE JULHO // Emanuel Rego

Cuiabá, Mato Grosso // 05 DE SETEMBRO // Leandro Guilherme

Porto Velho, Rondônia // 27 DE SETEMBRO // Yane Marques

Eventos anuais

Instituto Olímpico Brasileiro

Para atingir o melhor desempenho possível nos Jogos Olímpicos Rio 2016, nossos atletas estão sendo orientados por uma série de grandes treinadores, com larga experiência, além de eficazes métodos de trabalho. É um contato importante não somente para os atletas, como para os treinadores brasileiros, que podem aprender mais sobre a profissão com aqueles que alcançaram excelentes resultados em Jogos Olímpicos. Esse rico intercâmbio é de inestimável valor, mas o COB entende que é preciso que formemos os nossos próprios treinadores de ponta.

Por meio de seu Instituto Olímpico Brasileiro (IOB), a Academia Brasileira de Treinadores (ABT) dá prosseguimento à capacitação de diversos profissionais, com o objetivo de preencher a carência na formação do treinador esportivo de alto rendimento no Brasil. Em 2013, além das já existentes turmas direcionadas aos treinadores de atletismo, natação e ginástica artística, deu-se início à turma voltada para os profissionais de judô, luta e tae kwon do. A previsão é de que, a cada ano, três novas modalidades sejam contempladas para fazer parte da grade de programação do curso.



Alunos da turma de Natação da Academia Brasileira de Treinadores.

Até 2018, a ABT pretende formar 432 treinadores, em catorze modalidades. Além de contribuir para o desenvolvimento esportivo de diferentes modalidades, com a formação de treinadores que atuem no esporte de alto rendimento, a ABT se alinhou ao Planejamento Estratégico do COB para tornar e manter o Brasil uma potência olímpica.

A primeira turma da ABT, iniciada em 2012 e com duração de cerca de dois anos, prevê a capacitação de 95 treinadores para trabalharem no desenvolvimento e no aperfeiçoamento de atletas nas modalidades atletismo, natação e ginástica artística. Inteiramente financiado pelo COB, o curso é desenvolvido, em cada modalidade, através de oito módulos presenciais, três à distância e outros três módulos de estágio. Concluído o curso, os alunos recebem um certificado que os denominará Treinador Nacional em Esporte de Alto Rendimento.



Um dos pontos altos do programa, o módulo de estágio internacional foi realizado em diferentes organizações esportivas do país, primeiramente nas modalidades atletismo e natação. Nele, os alunos tiveram a oportunidade de trocar experiências e informações com grandes treinadores do mundo, de diferentes escolas e nacionalidades, e de receberem suporte teórico e prático para o aperfeiçoamento da disciplina, com foco na sistematização do treinamento e na técnica esportiva.

No atletismo, um dos destaques entre os treinadores internacionais foi o russo Evgeniy Zagorulko, treinador dos medalhistas de ouro olímpicos em Londres 2012, no salto em altura, Anna Chicherova e Ivan Ukhov, além de Andrey Silnov, ouro na mesma prova em Pequim 2008. Outro renomado treinador que ministrou palestras e clínicas foi o norte-americano Loren Seagrave, um dos maiores especialistas em provas de velocidade do mundo e treinador dos campeões olímpicos Pauline Davis-Thompson (200m em Sidney 2000) e Angelo Taylor (400m com barreiras em Sidney 2000 e Pequim 2008).

Os estágios internacionais da natação foram divididos em desenvolvimento e aperfeiçoamento. O primeiro módulo foi ministrado pelo espanhol Jordi Murio, treinador de nadadores nos Jogos Olímpicos de Seul, Barcelona, Sidney,

Atenas, Pequim e Londres. Já o segundo módulo foi ensinado por Richard Shoulberg, treinador-chefe da equipe dos Estados Unidos nos Jogos Pan-americanos Guadalajara 2011.

O Instituto Olímpico Brasileiro (IOB) é o departamento de educação do COB para o esporte olímpico e seu objetivo maior é gerar e difundir conhecimento. Em cursos, seminários, congressos e demais eventos acadêmicos e científicos, o IOB pretende contribuir de forma significativa para o amadurecimento do esporte nacional de alto rendimento. Além da ABT, segue em andamento o seu programa de gestores, com o Curso de Administração Esportiva (CAE) e o Curso Avançado de Gestão Esportiva (CAGE), cancelados pelo COI e ministrados anualmente. Para completar a tríade de atuação do IOB (atletas, gestores e treinadores), o Programa de Apoio ao Atleta (PAA), voltado ao atleta que recém encerrou sua carreira – ou está em vias de – e que busca a inserção no mercado de trabalho, entrou em seu segundo ano de atividade. Em 2013, o programa contemplou oito atletas, entre eles medalhistas olímpicos e pan-americanos. Os selecionados foram: Anderson de Oliveira Rodrigues (vôlei), Fabíola Molina (natação), Lara Teixeira (nado sincronizado), Marcelo Machado (basquete), Monique Ferreira (natação), Pedro Cunha (vôlei de praia), Raquel Peluci (vôlei) e Vicente Lenilson de Lima (atletismo).

Prêmio Brasil Olímpico

O ano de 2013, com tantos resultados positivos, foi encerrado de maneira especial. Em comemoração aos 50 anos dos Jogos Pan-americanos São Paulo 1963, o Prêmio Brasil Olímpico de 2013 foi apresentado na capital paulistana. Numa bonita cerimônia realizada no Teatro Bradesco, no dia 17 de dezembro, Poliana Okimoto (maratona aquática) e Jorge Zarif (vela) foram escolhidos pelo público, via internet, como os melhores atletas do esporte olímpico brasileiro em 2013. No total, seis atletas haviam sido indicados por meio de um colégio eleitoral. Além dos eleitos, concorriam também César Cielo (natação) e Arthur Zanetti (ginástica artística), entre os homens; e Rafaela Silva (judô) e Yane Marques (pentatlo moderno), entre as mulheres. Na 15ª edição do Prêmio Brasil Olímpico foram escolhidos também os dois melhores treinadores do ano: José Roberto Guimarães, do vôlei, nos esportes coletivos, e Marcos Goto, da ginástica artística, na modalidade individual.

Foi um ano marcante para Poliana Okimoto, que conquistou três medalhas no Mundial da Fina, em Barcelona: ouro nos 10km, prata nos 5km e bronze nos 5km por equipes. Poliana também venceu duas etapas da Copa do Mundo de Águas Abertas e ainda bateu o recorde sul-americano nos 1.500m livre, marca que permanecia intacta há 12 anos. Na disputa pelo Prêmio Brasil Olímpico entre as mulheres a nadadora concorreu com Rafaela Silva (judô) e Yane Marques (pentatlo moderno).

Aos 20 anos de idade, o jovem velejador Jorge Zarif alcançou a inédita façanha, em 2013, de unificar os títulos mundiais da classe Finn em duas categorias. O primeiro trunfo aconteceu em julho, quando se tornou bicampeão mundial júnior em Malcesine, na Itália; em agosto, em Tallinn, na Estônia, conquistou a medalha de ouro na categoria open do campeonato mundial e, de quebra, pôs fim a um jejum brasileiro, sem o título mundial na classe desde 1972. Concorreram ao prêmio com Zarif o ginasta Arthur Zanetti e o nadador César Cielo.

Além de premiar os melhores atletas e treinadores do ano, o COB homenageou o cinquentenário da primeira edição dos Jogos Pan-americanos realizados no Brasil: o Pan de São Paulo, em 1963. Mais de noventa ex-atletas que conquistaram medalhas naquele evento estiveram presentes. Entre eles Maria Esther Bueno, maior tenista brasileira de todos os tempos e vencedora de dezenove Grand Slams; Thomaz Koch, primeiro tenista brasileiro a vencer um Grand Slam, o torneio de duplas mistas de Roland Garros, em 1975; Amaury Pasos, bicampeão mundial de basquete, em 1959 e 1963; e Carlos Alberto Torres, capitão do tricampeonato

mundial de futebol, em 1970. Maior medalhista da histórica olímpica brasileira, ao lado de Robert Scheidt, o velejador Torben Grael também foi homenageado, ao receber o Troféu Adhemar Ferreira da Silva, dedicado a atletas que mantêm o legado deixado por Adhemar, o primeiro bicampeão olímpico pelo Brasil.

Na cerimônia, foi lançado o selo de comemoração dos 100 anos do Comitê Olímpico Brasileiro, completados em 2014. O evento foi o marco inicial para um ano de celebrações, mas também de constante esforço e dedicação rumo ao objetivo de tornar o Brasil uma potência olímpica.

Os melhores de 2013 em cada modalidade

ATLETISMO *Mauro Vinicius da Silva*

BADMINTON *Lohaynny Vicente*

BASQUETE *Tiago Splitter*

BOXE *Robson Conceição*

CANOAGEM SLALOM *Ana Sátila*

CANOAGEM VELOCIDADE *Isaquias Queiroz*

CICLISMO BMX *Renato Rezende*

CICLISMO ESTRADA *Rafael Andriato*

CICLISMO MOUNTAIN BIKE *Henrique Avancini*

CICLISMO PISTA *Flavio Cipriano*

DESPORTOS NA NEVE *Isabel Clark*

DESPORTOS NO GELO *Isadora Williams*

ESGRIMA *Gabriela Cecchini*

FUTEBOL *Neymar Junior*

GINÁSTICA ARTÍSTICA *Arthur Zanetti*

GINÁSTICA DE TRAMPOLIM *Giovanna Matheus*

GINÁSTICA RÍTMICA *Angélica Kwieczynski*

GOLFE *Adilson da Silva*

HANDEBOL *Alexandra Nascimento*

HIPISMO ADESTRAMENTO *Luíza Almeida*

HIPISMO CCE *Marcelo Tosi*

HIPISMO SALTOS *Álvaro A. de Miranda Neto*

HÓQUEI SOBRE GRAMA *Matheus B. Ferreira*

JUDÔ *Rafaela Silva*

LEVANTAMENTO DE PESO *Fernando Reis*

LUTAS *Joice Silva*

MARATONA AQUÁTICA *Poliana Okimoto*

NATAÇÃO *César Cielo*

NATAÇÃO SINCRONIZADA *Lorena Molinos*

PENTATLO MODERNO *Yane Marques*

POLO AQUÁTICO *Izabella Chiappini*

REMO *Fabiana Beltrame*

RUGBY *Julia Sardá*

SALTOS ORNAMENTAIS *Cesar Castro*

TAE KWON DO *Guilherme Dias*

TÊNIS *Bruno Soares*

TÊNIS DE MESA *Hugo Calderano*

TIRO COM ARCO *Sarah Nikitin*

TIRO ESPORTIVO *Cassio Rippel*

TRIATLO *Pâmella Oliveira*

VELA *Jorge Zarif*

VÔLEI DE PRAIA *Talita Antunes*

VÔLEI *Thaisa Daher*

Prêmio Brasil Olímpico 2013



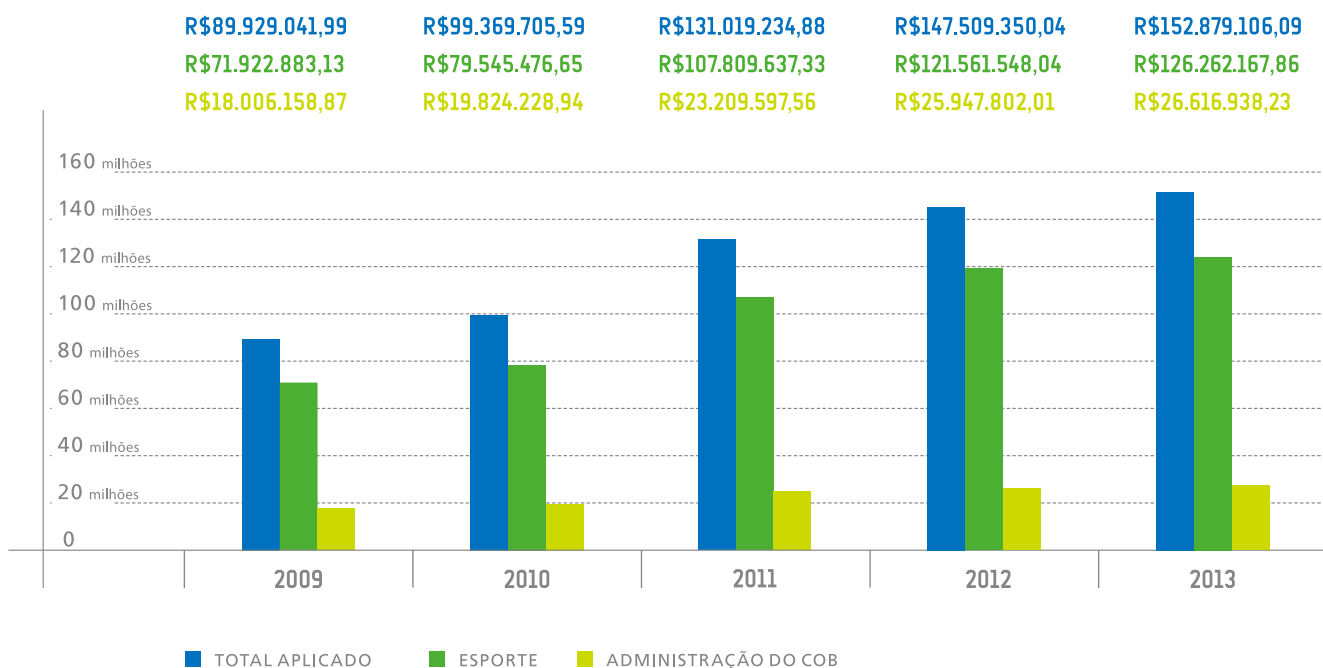
Poliana Okimoto e Jorge Zarif, atletas da Maratona aquática e da Vela, vencedores do Prêmio Brasil Olímpico de 2013

Aplicação de recursos financeiros

O Comitê Olímpico Brasileiro arrecadou R\$ 183.962.671,09 no ano de 2013, por intermédio da Lei Agnelo/Piva, uma arrecadação maior do que a de 2012. Do total arrecadado, o COB destinou R\$ 18.396.267,41 (10%) ao desporto escolar, R\$ 9.198.133,76 (5%) ao desporto universitário e R\$ 156.368.269,92 (85%) às entidades dirigentes do esporte – COB e confederações. Deste último montante foram aplicados R\$ 152.879.106,09, dos

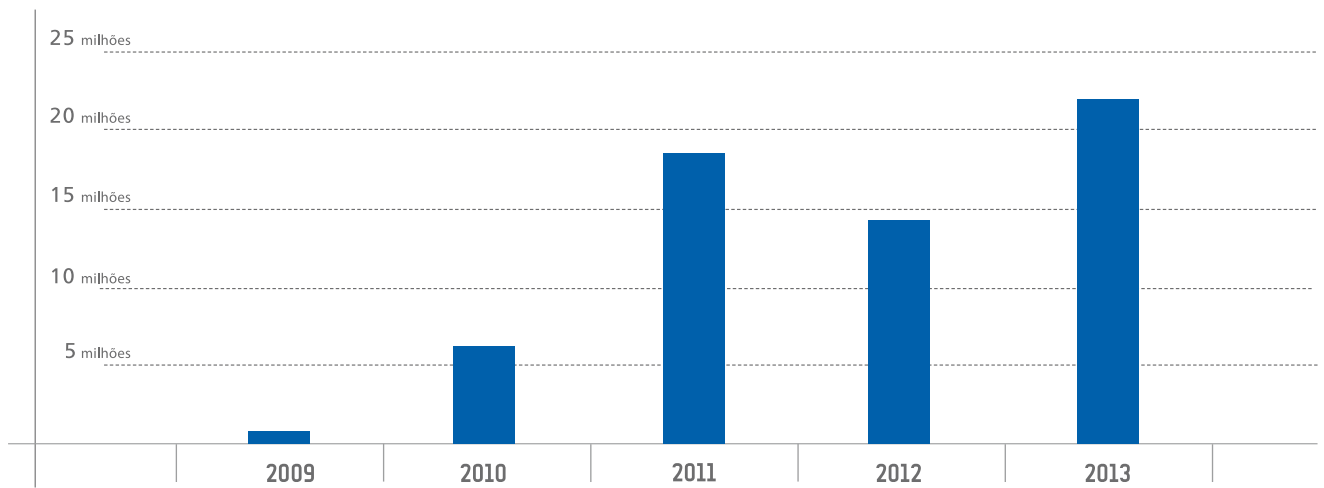
quais R\$ 126.262.167,86 direcionados ao desenvolvimento do esporte. Vale ressaltar que parte deste valor aplicado no esporte, ou R\$ 22.080.603, se deu através do Fundo de Reserva Olímpico e foi destinado diretamente à preparação do Time Brasil. Este é o maior valor já empregado diretamente nos atletas desde o início do projeto Time Brasil, e representa 18% dos recursos destinados ao desenvolvimento do esporte.

Aplicação dos recursos da Lei Agnelo/Piva



Aplicação de Recursos do Fundo de Reserva - Lei Agnelo Piva

2009	2010	2011	2012	2013
R\$951.318,80	R\$6.205.451,89	R\$18.590.696,04	R\$14.211.122,27	R\$22.080.603,47



Realização

Comitê Olímpico Brasileiro

Departamento Cultural/Publicações

Presidente

Carlos Arthur Nuzman

Diretora Cultural

Christiane Paquelet

Supervisora de Publicações

Carolina Araujo

Redação

Pedro Gonzaga

Coordenação Editorial

Martha Ribas / Casa da Palavra

Equipe editorial

Fernanda Cardoso

Leandro Dittz

Projeto Gráfico

Redondo Estratégia + Design

Créditos Fotográficos:

CAPA: DIVULGAÇÃO RIO 2016

P. 5: AFP/JOHN THYS

P.7 = AFP/DIMITAR DILKOFF

P 8: VALTERCI SANTOS/AGIF/COB

P 21: GASPAR NÓBREGA/INOVAFOTO/COB

P. 23: ACERVO COB

P. 27 E 28: HEITOR VILELA/COB

P 33: WANDER ROBERTO/COB

PATROCINADORES OLÍMPICOS MUNDIAIS



PATROCINADORES OFICIAIS



APOIADORES OFICIAIS



FORNECEDOR OFICIAL

Nike

